

GAZETA DO
COMMERCIO

13 DE MARÇO
DE 1895

Gazeta do Commercio

ASSIGNATURAS

DENTRO DA CIDADE	
Anno	12\$000
Semestre	6\$000
Trimestre	3\$000
PAGAMENTO ADIANTADO	

ANNO II

PUBLICAÇÃO DIARIA
PROPRIEDADE DE
Manoel Henriques de Sá

ASSIGNATURAS

FORA DA CIDADE	
Anno	15\$000
Semestre	8\$000
Trimestre	4\$000
PAGAMENTO ADIANTADO	

N.º 47

DIRECTOR,

Francisco Barroso

ESPONSOS

Não se aceitam publicações de interesse particular, sem estarem competentemente legalizadas.

Artigos, embora não publicados, não serão entregues a seus auctores.

A Redacção só se responsabilisa pela parte edictoria

Annuncios e mais quaesquer publicações por ajuste.

Os Srs. assignantes de anno, que se acharem quites com a empresa, serão brindados com um romance.

Se a Gazeta do Commercio, por circumstancias extraordinarias, deixar de publicar-se, a empresa restituirá aos assignantes todo adeantamento que tenham feito.

ESCRITORIO DA REDACÇÃO

37, RUA MACIEL PINHEIRO, 37

GAZETA DO COMMERCIO

Parahyba, 13 de Março de 1895

Municipalidade

Temos repetidas vezes, n'estas columnas, chamado a attenção do illustre Concelho Municipal, para o estado de immundicia que asoberba todas as praças, ruas e becos d'esta cidade; mas nossas palavras, tem-nas levado o vento, porque, emperradamente, a illustre edilidade, a nada tem attendido.

A fiscalisação de todos os ramos que estão affectos a municipalidade correem discuidadamente.

Não cura da limpeza publica e a propria carne verde que é exposta á venda nos açougues, é pessima!

A par de todas essas mazellas que tanto deprimem os nossos creditos de povo civilizado, as contrucções de edificios novos, não tem a menor regra da arte e não se respeitam as posturas da municipalidade, que tem os olhos vendados.

Não tencionavamos dirigir mais uma palavra sequer, n'este sentido, a distincta corporação, porém como nos assiste o alto dever de pugnar-mos pelos interesses do povo, desistimos do nosso proposito.

Quando não mereçam ser ouvidas as nossas justas reclamações, ficam contudo aqui registradas como um protesto, aos demandos da Municipalidade, que tem o rigoroso dever de nos attender.

Missas

Hoitem foram rezadas, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, missas por alma do dr. José Maria de Albuquerque Mello.

Theatro Santa Rosa

Amanhã a companhia dramatica do sr. Augusto Peres, leva a scena o drama em 4 actos—«O Jesuita ou os ladrões da honra» ea engraçada comedia, em 1 acto, do boureado comedigrapho brasileiro dr. Franca Junior, intitulada—«Um typo brasileiro.»

Fallecimento

Na noite de domingo falleceu, n'esta cidade, o sr. Manoel Pinto de Araújo, alferes do exercito, em consequencia de ruptura da uma aneurisma.

Damos os pezames a sua exem. familia e aos seus distinctos companheiros de armas, dos quaes era muito bem quisto.

A Hespanha e Marrocos

Sidi-Brisha, chefe da embaixada especial enviada pelo sultão de Marrocos para regular a questão de indemnidade devida a Hespanha pelas desordens de Melilla, foi atacado em uma rua de Madrid.

Sidi-Brisha acabava de deixar seu hotel para ir a uma audiencia no palacio da rainha-regente. Era acompanhado de um sequito numeroso e de varios funcionarios da corte. Apenas tinha dado alguns passos, quando um homem vestido de preto avançou para elle e deu-lhe um sóco no rosto exclamando: «Dize a teu senhor que um hespanhol tez isto em nome do general Magallo que mataste em Melilla...» Um dos guardas reaes dispunha-se a castigar o desconhecido, quando a policia interveiu para prender o aggressor de Sidi-Brisha. Esse individuo foi immediatamente reconhecido: era o general Fuentez. Foi immediatamente conduzido a prisão militar, onde soffreu um interrogatorio.

A rainha-regente recebeu Sidi-Brisha, a quem exprimiu o pezar que experimentava pelo acto de Fuentez que, diz ella, está attingido de loucura. Depois da audiencia os ministros visitaram o enviado especial do sultão de Marrocos. Todos declararam que o criminoso seria punido com todo o rigor das leis. Esse incidente é tanto mais grave quanto os hoiros se queixam já de ter sido insultados nas ruas.

No correr das discussões que realizaram-se na camara, o ministro da guerra referiu succintamente esse incidente. Exprimiu o profundo pezar que lhe causava o acto de um louco. O sr. Canovas del Castillo, antigo primeiro ministro, exprimiu os mesmos sentimentos.

Incontinenti Sidi-Brisha dsclorou que voltaria immediatamente para Marrocos e não visitaria a rainha, mas acalmou-se pelas desculpas que lhe foram apresentadas. O general Fuentez será submittido a um conselho de guerra.

Hospede

Acha-se, n'esta capital, o sr. Arthur Altino de Andrade Espinola, distincto administrador da Meza do Rondas Estadones, da Cidade do Manguepe.

Dirigimos-lhe nossos omprimentos.

TELEGRAMMAS

Servico Particular da GAZETA RIO, 11.

O dr. Prudente de Moraes conferenciou com Silva Tavares.

Foram despensados os empregados da capatasia de Santos, passando o servico para a Companhia das Docas.

Tratão de fechar as faculdades livres.

O emprestimo attingiu a somma de 221850 contos, comprehendendo o Brazil e a Europa.

RECIFE, 11.

Continua o inquerito sobre o assassinato do dr. José Maria as testemunhas compromettem Ottoni e Raymundo Magno.

O cambio abriu a 938 depois a 9716 e fechou a 938.

Abuso

Nas noites de espectáculo o Santa Rosa toma o aspecto de quartel. As praças do segurança enchem o theatro e durante a representação, privam que os espectadores prestem attenção ao que se passa no palco, pela maneira incorrecta de estarem a andar para cima e para baixo e a exigir que o porteiro abraçhes a porta.

Para manter-se a ordem naquella casa de espectaculos não se necessita de tão grande numero de praças.

O illustre commandante do segurança com certeza não tem conhecimento de tal abuso, e deixa-nos tambem parecer que ellas alli não vão levadas pelas autoridades policicias que, raras vezes, comparecem.

Um americano

Percorre as ruas, d'esta cidade, um americano, descalço e maltrapilho, quasi sempre embriagado e a commetter insolencias, e a espunear pobres creanças.

Cumpria a policia providenciar com prudencia, reclamando do consul mericano que de melhor distincto ao seu patrio.

ARTES

A imprensa de Lisboa deu noticia da retirada da actriz Lucinda Sincos do theatro de D. Maria e publicou toda a correspondencia trocada entre a mesma empresa e a artista.

Lucinda entendeu que tinha causado má impressão ao publico no desempenho do papel de Luiza no Pantano, de D. João da Camara, que por elle lhe fora distribuido e pediu que lhe não fosse distribuido papel em outra peça antes da representação *Da casa da boneca*, de Ibsen.

Como se propalasse que, dançando o papel de Luiza, o auctor qu-

zera prejudicar a artista, publicou a empresa uma carta de D. João da Camara contestando tal facto e assegurando que Lucinda acolheu com entusiasmo a sua peça e accetou de bom grado o papel.

Querendo satisfazer o pedido da artista, dirigiu-se a empresa ao sr. Ramalho Ortigão para traduzir a peça, ao que este prestou-se.

Em seguida declarou a sra. Lucinda que desistira do empenho de representar a peça. Então a empresa pediu-lhe que escolhesse a que queria representar. Lucinda respondeu que a empresa escolhesse e teve em resposta que concluida a traducção da *Casa da boneca*, a faria representar.

A resposta de Lucinda foi, depois de diversos considerandos, declarar que sabia do theatro no fim da presente época e no dia seguinte publicou um artigo em que expõe as deslealdades que diz ter com ella praticado a empresa e declara que vai organizar uma companhia com a qual virá ao Brazil. Esta pol-emica encheu columnas e columnas dos jornaes.

Uma folha estrangeira dá a seguinte noticia:

«Uma americana riquissima, mistress William Paterson, que habita um dos palacetes mais maravilhosos que rodeiam o Arco do Triumpho, de Paris, acaba de dar a conhecer nos seus salões uma artista, que está chamada a fazer sensação no mundo da arte.

Esta nova estrella é uma formosa russa, de olhos e cabellos pretos como as azas do corvo, e com uma cutis que captiva a todos quantos a vèem. Pertence a uma familia de appellido Voreneskaya.

A presença em Paris da encantadora russa é um romance em quatro linhas. Havia bastante tempo que um official da guarda imperial do czar, rico e pertencente a uma familia das mais aristocraticas, a amava e queria casar com ella. A familia, porém, do official oppozesse resolutamente ao casamento, sendo este obrigado a renunciar por enquanto ao desejado enlace. A opposição da familia era motivada por a joven não ter dote nem grande nem pequeno. Desde então a joven Voreneskaya jurou fazer fortuna aproveitando a preciosa voz com que a natureza a dotou e o seu excellente methodo de canto.

E o caso é que em Paris já a consideram como uma nova estrella da artes.

Realizaram-se em Milão os funeraes do procurador geral Celli, assassinado por um criminoso recidivista, considerado tambem como anarchista. Tomaram parte nos funeraes todas as autoridades e grande concurso de povo. Pelas janollas viam-se bandeiras revestidas de crepes. Sobre o feretro tinham sido depostas numerosas corôas.

A hygiene do rosto

Afirmava o divino Platão que um rosto formoso em o espectáculo mais interessante do universo, o ninguem seria capaz de desmentir esta asser-

ção. Por isso, em todos os tempos, o bello sexo procurou, por meio dos cosmeticos e particularmente das pomadas, aformosar o rosto, realçar o brilho da tez, disfarçar-lhe as pequenas imperfeições.

As causas permanentes que determinam perturbações e alterações morbidas da pelle são vicios do sangue. Todas as affecções constitucionaes manifestam-se, portanto, por symptomas cutaneos, botões de toda sorte, pustulas, pintas rubras, ulceras, abcessos.

E' evidente que não é com cosmeticos, mas com tratamento interno e energico, que se deve procurar a cura de todas estas affecções da pelle. O mesmo acontece com as molestias accidentalmente chronicas, como as affecções de figado, a chloroanemia, que se revelam por uma alteração protunda da pelle. Em similhante caso, é intuitivo que se deve combater a molestia principal. Seria loucura acreditar que uma agum de toilette qualquer, um arrebique, um pó de arroz, podem fazer desaparecer a cor cachetica da pelle conservada por uma affecção chronica dos orgãos.

Ha outra fonte de alterações intimas, que passa geralmente desapercibida: é a alimentação. As refeições copiosas congestionam o rosto. O vinho tomado em excesso e as bebidas alcoolicas, quando usadas frequentemente, determinam um rubor particular e persistente. A salsicharia, a carne de certos peixes e alguns mariscos, como os mexilhões, por exemplo, provocam frequentemente erupções cutaneas. O mesmo acontece com as comidas apimentadas. E' evitando, com o maior cuidado, a influencia de todas estas causas, que se podem evitar os seus efeitos.

Quando a pelle é sã, fresca, isto é, em bom estado de saúde, devemos abster-nos de perturbal-a com applicações exageradas de qualquer cosmetico, agua de toilette ou pomada.

Os vinagres de toilette, fabricados com vinagres de madeira, agua, alcool e algumas essencias aromaticas, irritam fortemente a pelle pela sua composição: podem até dissolver a epiderme depois de a ter amollecido. E' preciso, portanto, proscriver de maneira absoluta da toilette os vinagres cuja marca não gosar de reputação especial. E, ainda assim, não devem ser empregados senão com moderação e não serem usados com sabão. Este ultimo, decomposto pela acção do vinagre, torna-se particularmente nocivo á pelle.

Todas as pomadas, sejam preparadas pelas mãos habéis do pharmaceutico ou saiam da officina demasiadas vezes suspeita do perfumista, têm por base o oleo de *axungia*, de vaselina ou de glicerina. Mesmo sendo de primeira qualidade, estas substancias ficam facilmente rançosas e, por este razão, tornam-se acidas. Sob a sua acção, a pelle irrita-se e incha; sobrevem os ardores, os *dartros*, os *dolbes* e outras erupções superificias diversas. Não para aqui, continuando com estas applicações, as glandulas sebaceas irritam-se e incham por sua vez; desde então a matéria gordurosa da glandula é segregada em excesso; a pelle torna-

se habitualmente oleosa e reluzente e, como esta materia sebacea não é completamente eliminada pelos póros, accumula-se alli e produz as sardas. Applica-se isto ao cold cream como a todos os demais corpos gordurosos. A pomada de pepino, excelente, quando está muitissimo fresca, para as pequenas irritações da epiderme, é das mais perigosas para a pelle quando é de preparação antiga.

Quanto aos cremes, de base de glicerina, são menos perigosos, pelo menos immediatmente, para a pelle, porque a glicerina não fica rançosa; a glicerina é, porém, muito acida de agua e, applicada sobre a pelle, apodera-se do vapor de agua atmosferico, decompõe-se e, pelo proprio facto da decomposição, fica amarella e, com o correr do tempo, acaba por amarellear a pelle ou, pelo menos, embaciar a tez.

Resta a vaselina: é, certamente, o menos perigoso dos corpos gordurosos; pois a vaselina, que é um derivado do petroleo, cuidadosamente purificado, nada tem de commum com as gorduras, senão a apparencia e consistencia. A vaselina é fixa, neutra, inalteravel, seja qual seja pelo contacto de qualquer outra substancia.

Portanto, toda a pomada deverá ter aqui por deante a vaselina como base, e poder-se-á usar essa pomada, mas com a maior moderação, pois o abuso das pomadas, mesmo de base de vaselina muito pura, apressa o apparecimento das rugas.

E' ás pelles secas e enrugadas que as pomadas devem ser reservadas, para amaciá-las. Quanto ás pessoas cujo rosto é naturalmente gorduroso e oleoso, abstendam-se d'ellas da maneira mais absoluta.

O pó de arroz é um elemento indispensavel para a toilette das senhoras. Absorve a humidade da pelle, esconde as manchas rubras, diminui os effeitos das quinadunhas do sol; mas só é bom e innocuo quando não entrem na sua composição substancias irritantes ou toxicas, como o oxydo de zinco, o carbonato de chumbo. O amido, o bismuto, que se obtém em estado puro, o giz de Briançon, o lycopo-dio, as flores secas de certas plantas odoriferas, são as unicas substancias

que deviam entrar no fabrico dos pós.

Quanto ás pinturas e carmins, são todos nocivos e uma mulher que quer conservar a pelle sã e fresca deve abster-se d'elles completamente.

(D'A Provincia do Pará.)

COLUMNA LIVRE

Santo Antonio em miseria

Chamamos a attenção do S. Exc. Revm. o Sr. Bispo Diocesano, para o abominavel estado a que está reduzido a fregia de S. Antonio, na povoação de Mulungá.

Se compuntemos o aspecto externo d'aquella triste capella, luctuosa é a impressão que avassalla o espirito de quem n'ella penetra.

Ao transpôr-se aquelle immenso pauidro sonoro logo o cheiro nauseabundo de uma foz de imundicia e entre os insectos que allí se he visivel a vista do veneravel S. Antonio, colloca-se sobre um velho encanido e indecoroso altar o qual com o mais insignificante impulso pede de momento desabar.

Encontra-se na Sacristia um antediluviano caixão, a semelhança de commoda, dentro do qual vê-se vellos e inaproveitáveis trapos com semelhança de ornamentos.

Rotas e estragadas toilhas cobrem o secular altar e os padres que allí celebrão em tais trapos se envolvem que a não ter solido estomago com certeza provecarão.

Commova ao mais obstinado coraçaõ e causa justa indignação ver n'aquella lamentavel estado um templo que dispõe de um patrimonio, cujas rendas são por demais sufficientes para o manter em todo o rigor da decencia e até sumptuosidade.

Se nosso virtuosissimo Prelado se dignasse visitar a peiilabandonada Capella, tão má impressão lhe causaria tudo quanto allí se encontra, que, com certeza a manilha fechar, porque não é com votos, imundos e esfarrapados trapos que se deve celebrar os officios divinos e tão deploravel se acha o pouco que allí se mostra que não

corresponde ao fim a que é destinado.

Tudo isso passa desaperecebido aos olhos do sr. coronel João Cavalcante, Fabricheiro do patrimonio e a tal ponto chega a ser a sua semceremonia que as poucas vezes que o sarchristão pede-lhe insignificante quantia para compra de vinho ou velhas, S. S. depois de seu habitual gemido desdenhosamente responde: «Hein homem, hein homem! peça ao povo, peça ao povo, o povo dê, o povo dê, já ouviu, já ouviu.»

E justamente Sr. coronel aqui que era admissivel o seu engraçado diado: Que desordem é esta, que desordem é esta.

Quotidianamente vemos doearas a medir a frente e quintas das casaz um Sr. Francisco Mulatinho proposto do Sr. coronel Cavalcante o filho legitimo de S. Antonio e neste caso seu herdeiro.

Este Sr. Mulatinho tem recebido grande somma dos habitantes de Mulungá em paga de fores de cazas, ranchos e de tudo quanto existe nos terrenos do patrimonio de S. Antonio.

Ha tres ou quatro annos vive elle n'esta inculcacia tanta e o publico completamente na ignoraancia do destino que se dá as quantias recolhidas desde que o assido da Capella rivaliza com o da mais horripilante senzala. Oberto de andrajes, em completo estado de penuria, contempla S. Antonio impassivel a má administração de seus bens e sabe o juço da tirannia terá por seu unico consolo a repetição da phrase latina: *Jesus passus est omnes cruciatus sereno.*

Confiamos que nosso illustrado Prelado, voltando suas vistas beneficicas até aquella abandonada Igreja, de suas ordens no sentido de aclarar a exploração indecente dos que desviados do cumprimento de seus deveres se fingidos por fins inconfessaveis zombão do bom senso publico e com mãos sacrilegas inculcão o nefando trabalho da completa ruina de um templo destinado a glorificar o nome de Deus e de seus escolhidos.

Nas mãos de S. Exc. Revm. deposita sua justa causa

UM SANTO DERROTADO.

ANNUNCIOS

THEATRO SANTA ROZA

Quinta-feira 14 do corrente

GRANDE NOVIDADE

Companhia Comica e Dramatica

DIRECÇÃO DO ACTOR

Augusto Peres

Da qual faz parte a actriz

Amelia de Barros

Depois da abertura pela orchestra, subirá á scena pela segunda vez, neste Estado, a pedida, o drama historico original francez, em 4 actos, do laureado escriptor **Henrique Peixoto**, cujo successo é garantido em toda parte onde tem sido representado

O JESUITA

OU

OS LADRÕES DA HONRA

DENOMINAÇÃO DOS ACTOS

- 1.º Acto—*A morte de João Beaumont ou o Testamento*
- 2.º » —*O narcotico ou o rifto de Maria*
- 3.º » —*O vagabundo e o Jesuita*
- 4.º » —*O assassinato e a fuga*

O panno desce ao toque do hymno francez

Terminará o espectáculo com a espirituosa comedia, em 1 acto, do laureado e immortal **Dr. França Junior** intitulada:

Um typo brasileiro

Recibe-se encomendas no Theatro e na mão de Manoel Fernandes.

PRINCIPIARÁ AS 8 1/2

AO THEATRO! AO THEATRO!!

BOLHEIM

57

ANJOS E MONSTROS

POR

Alexis Bouvier

TERCEIRA PARTE

O SUPPLICIO D'UMA MULHER

1

Seis-mezes depois

Vendo afastar-se o guarda, o operario voltou-se para Rolland e disse-lhe:

—Veja que sou do palavra, bravo tudo; olhe... Tirou a blusa, tinha outra por baixo; despiu as calças, e o mesmo. Por fim, sacou um chapéo de uma algibeira.

—Ora aqui está a fidiota.

Rolland escondeu tudo no armario do orgão.

—E agora como havemos nós fazer? perguntou elle.

—Ora, essa! nada mais simples; isto deve ficar prompto ao meio-dia; eu não tenho que voltar de tarde. O amigo faz portanto, o seguinte: ao meio-dia sahe; segue pela rua abaixo até á beira do rio, e em dez minutos, está na estação. Aqui tem onde ha-de encontrar ao amigo á tarde, em Paris. Porque eu, em nonhando o trabalho, não-mo.

Em seguida explicou-lhe minuciosamente o que tinha a fazer para sahir sem se tornar suspeito.

Rolland não estava bem, sentia no fraco, andava-lhe a cabeça á roda, e com as palavras do amigo, provavelmente, era o Rolland, a ludia de uma noite d'insomia.

Ao meio-dia, enquanto o operario escutava á porta se vinha alguem, Rolland vestiu-se, dissimulou-se o melhor que pôde, e quando deu meio-dia, apertou a mão ao seu salvador e sahiu.

Foi um momento de verdadeira anciedade; a despeito de tudo tentou encontrar um guarda, o mesmo que vira pela manhã e chegou a julgar que elle vinha ter com elle; mas o guarda passou sem sequer lhe volver os olhos.

Chegou ao officio; o guarda estava na barraca; tinha que ir ter com elle; d'esta vez hesitou, tinha medo de ser reconhecido por fim, cobrou animo, e bateu-lhe nos vidros em conformidade com o que lhe dissera o operario.

Quando viu que o guarda estava ausente e que era a mulher que fazia as suas vezes respirou.

A mulher abriu-lhe a porta, e elle sahiu. Oh! com que vontade deitaria a correr! quanto lhe custava apparentar serenidade! As pernas vergavam-lhe, e continuava a sentir arrippos e vertigens.

Tudo se passou como elle previra: chegou a estação do caminho de ferro sem novidade. Mas o fugitivo não tivera tempo de consultar o horario, e o comboio tinha partido, e só havia outro d'aquí a duas horas. Perguntou a si mesmo o que faria, e ponderou acertadamente que, se dessem pela sua evasão, a primeira batida dos *gendarmes* seria nas estradas. Não era natural que fossem procura-lo ás estações do caminho de ferro. Deitou-se, pois, em cima d'um banco e ficou que dormia.

Minutos antes de passar o comboio appareceu um *gendarme*. Imaginando que annos em ja em busca d'elle, fez-se muito pallido, julgando-se perdido. Mas não; o *gendarme* vinha no seu serviço habitual. Depois viu entrar o seu salvador, o operario, que pateceu sorprendido de o ver ali e lhe fez signal que lhe não fallsse.

Quando chegou o comboio, subiram para o mesmo compartimento, e foi então que o outro lhe disse:

—Perdeu então o outro comboio?

—Perdi, por alguns minutos. E o senhor como sabia?

—Muito naturalmente; não me viram; são capazes de não dar pela *marosea* se não á noite, eu trazia o seu fato n'uma trouxa que elles tomaram talvez pelo sacco da ferramenta. Deitei-a fóra quando cheguei á beira do rio.

—Mas quando lhe abriram a porta para sahir, o guarda não lhe disse nada?

—Não, trocámos algumas palavras, mas elle não fez o mais pequeno reparo.

—A mim foi á mulher que me abriu a porta.

—Diga-me d'ordem... Por fim o guarda não admirou de me ver passar. Elle perguntou-me porque eu tinha tido tanta pressa, e eu dei-lhe uma resposta prompta, que o amigo tinha voltado á sua occupação e que era quem tinha as chaves da capella.

—Em todo o caso não estarei descansado omquanto me não vir em Paris... Sinto-me mal, não sei o que tenho.

—Veja lá agora se me adoece.

—Isto não vale nada: é o susto.

—Sim, deve ser isso.

Um ou dois minutos entravam na *gare*, e o operario levava Rolland para onde elle queria.

Aqui esta melhor que em qualquer outra parte. Elles não vão andar eternamente a sua procura. Daqui a tres ou quatro dias, ja não pensam em semelhante cousa.

No outro dia, quando Rolland accordou, o operario disse que seria prudente não sahir.

Rolland respondeu-lhe que antes que quizesse, não poderia fazê-lo. Sentisse muito mal.

—E o susto, disse por sua vez o operario. Isso passa. Eu estou perfectamente descansado. Ade logo.

E sahiu.

Rolland ficou de cama n'esse dia. No dia seguinte pareceu-lhe que estava melhor; mas quando o seu companheiro recolheu á noite encontrou-o muito abatido.

—Vou mostrar-lhe uma cousa, lhe disse o operario com ar prezenteiro, que lhe ha-de fazer melhor que todos os remedios da botica. Ora veja.

E apresentava-lhe um jornal, apontando-lhe uma noticia que elle leu e que era concebida nos seguintes termos:

«O senhor Rolland não de estar lembrados d'um tal Rolland que, havia seis mezes, foi julgado e condemnado pelo tribunal do Sena a trabalhos publicos. Este individuo viu a sua pena commutada em dez annos de prisão, que estava cumprindo na penitenciaria de Poissy, onde se fazia notar pelo seu bom comportamento. O desgraçado conseguiu hontem evadir-se, mas não pará gozar da liberdade. Fazendo-se justiça por suas proprias mãos, afogou-se no Sena, a breves distancias de cada, deixando a roupa na praia.

«O *calaver* ainda não foi encontrado.»

Rolland que estava longo d'esperar semelhante cousa, ficou estupefacto. Agora é que podia considerar-se verdadeiramente livre, e era no dia em que o davam por morto que o *muçava* a viver.

(Continúa)